



Sindicato dos
JORNALISTAS
PROFISSIONAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

UNIDADE

FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

CUT
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

ABR-JUL/23 | Nº 419 | ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO | WWW.SJSP.ORG.BR



MOVIMENTO ESMERALDA

TRABALHADORAS DO GRUPO GLOBO SE REÚNEM EM ATO EM SOLIDARIEDADE
A ESMERALDA SILVA, EX-EMPREGADA VÍTIMA DE ASSÉDIO NA EMISSORA

COJIRA

The Guardian,
racismo e seu
programa de
reparação histórica

FOTOJORNALISMO

Christian Carvalho
Cruz e a particulari-
dade do indivíduo
em *Trombadas*

DESTAQUE

O cerco se fecha,
mas a luta pela
liberdade de Julian
Assange continua

ENTREVISTA

O fotógrafo
Alex Silveira e
sua longa busca
por justiça

EDITORIAL

DEBATENDO O FUTURO,
CONSTRUINDO O
PRESENTE!

Querida leitora, querido leitor, devemos um pedido de desculpas, antes de começar a nossa conversa. Afinal, como jornalistas que somos, sabemos que uma das piores coisas da profissão é atrasar a entrega do jornal para a gráfica. Mas, representando bem a categoria, estendemos até o limite (e um pouquinho além da conta) os prazos para a finalização das reportagens — e, principalmente, deste Editorial. O resultado é que esta edição chega às suas mãos com algumas semanas de atraso.

Olhando o copo meio cheio, a extensão do deadline permitiu compartilhar informações quentinhas a respeito de uma das principais atividades que o Sindicato organizará no segundo semestre: entre os dias 4, 5 e 6 de agosto haverá o 16º Congresso Estadual dos Jornalistas de São Paulo, que dará centralidade às discussões sobre o papel da nossa profissão a partir das novas tecnologias e relações de trabalho.

Com o tema central *Jornalistas e o Futuro: Trabalho, Saúde Mental e Organização Sindical nas Novas Plataformas de Comunicação*, o Congresso ocorrerá de maneira presencial na sede do Sindicato e terá delegadas e delegados eleitos a partir de reuniões preparatórias e de atividades realizadas nos diferentes locais de trabalho da categoria. Oito encontros temáticos foram preparados pelo Sindicato para ajudar na discussão das questões que serão debatidas no Congresso, além de uma tese-guia que resume as linhas gerais de atuação da nossa entidade para continuar seu trabalho de organizar a categoria.

Durante as semanas de preparação, as e os jornalistas tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre a atual conjuntura vivida por nossa profissão, que é marcada pela crise estrutural das empresas tradicionais de comunicação e pela ascensão dos conglomerados internacionais de tecnologia. Constituindo-se como um verdadeiro oligopólio, as donas das plataformas em que o conteúdo é consumido também são responsáveis por se apossar das verbas publicitárias até então destinadas aos veículos de imprensa.

“São as trabalhadoras e os trabalhadores os mais afetados por essa crise, com o avanço das demissões, o aumento da exploração (tanto pelo acúmulo de funções quanto pelo aumento da carga de trabalho), a precarização das condições para desenvolver o trabalho jornalístico, o rebaixamento dos salários, a falta de perspectiva de construir uma carreira e o adoecimento físico e mental. Em consequência, é seriamente prejudicada por essas medidas a própria atividade jornalística, atingindo-se assim o direito social à informação”, diz um dos trechos do texto-base apresentado pela diretoria do nosso Sindicato.

Apesar desse cenário nada fácil, uma coisa que podemos ter certeza é de que o trabalho jornalístico permanece uma atividade essencial para a livre circulação de informações e a construção de uma sociedade democrática (como ficou comprovado recentemente com as coberturas da pandemia e das eleições de 2022). A outra constatação é que a existência de um Sindicato para organizar nossa categoria segue fundamental, discutindo coletivamente as questões que afetam a nossa profissão e encontrando soluções conjuntas para resistir e avançar na valorização de nosso trabalho.

É por tudo isso que estamos depositando energia e esperança na preparação deste 16º Congresso Estadual dos Jornalistas, com a certeza de que este será um momento rico de partilha e de muita luta para reafirmar aquilo que se tornou o lema de nossa gestão: o Sindicato somos nós e é o esforço coletivo de nossa categoria que ajuda a construir esta entidade.

Por falar nisso, nunca é demais lembrar: vamos somar esforços em nossa campanha permanente de sindicalização! É necessário explicar, sobretudo para as e os jornalistas mais jovens, a importância política e material de sustentar a sua entidade a partir do ato de se sindicalizar. Afinal, é isso que garantirá as condições de luta para o presente e, principalmente, a continuidade de nosso Sindicato para o futuro.

Notícias do front

Enquanto nos preparamos para construir o plano que ajudará a guiar as ações de nossa entidade com as resoluções tomadas no Congresso, nos defrontamos com aqueles problemas que insistem em se repetir periodicamente: desde o primeiro semestre de 2023, as grandes emissoras do estado estão praticando demissões de dezenas de profissionais.

A primeira a abrir a porteira dos passalhos foi a Rede Globo, que a partir do mês de abril destruiu empregos em todas as suas praças (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília e Pernambuco). Graças a uma ação conjunta das entidades sindicais de jornalistas e radialistas desses diferentes estados, realizamos manifestações e plenárias com a categoria: como resposta, a empresa apresentou um tímido “pacote de desligamento”, com a extensão do plano de saúde e o apoio à “recolocação profissional”. O que, convenhamos, é completamente insuficiente diante da realidade, ainda mais ao levar em conta que os demitidos eram, em sua maioria, profissionais com décadas de experiência.

Em seguida, a TV Bandeirantes e a TV Record também realizaram demissões no setor de jornalismo, atingindo sucursais em diferentes regiões do estado. Para piorar, a Record se recusa a estabelecer contato com o Sindicato: nos últimos meses, diante de ofícios com assuntos variados, a atitude da empresa foi o solene silêncio.

Como podem notar, a vida não anda muito fácil para quem é jornalista. Mas, como diria o poeta, se não estamos alegres, por que razões haveríamos de ficar tristes? Como conta a nossa reportagem de capa, jornalistas das grandes empresas estão ampliando sua mobilização e organização para resistir coletivamente, contra o assédio, a precarização e as demissões. É hora de juntar as forças, preparar as nossas ferramentas de mobilização e manter firme a bandeira de lutas por salários, direitos e dignidade.

Direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

DE 4 A 6 DE AGOSTO HAVERÁ O 16º CONGRESSO ESTADUAL DOS JORNALISTAS, QUE DARÁ CENTRALIDADE ÀS DISCUSSÕES SOBRE O PAPEL DA NOSSA PROFISSÃO A PARTIR DAS NOVAS TECNOLOGIAS E RELAÇÕES DE TRABALHO



UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO
DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Diretor responsável Eduardo Viné Boldt
Jornalista Juliana Almeida **Edição de arte**
Fábio Bosquê **Revisão** Cláudio Soares

CONSELHO EDITORIAL

Cinthia Gomes, Décio Trujillo, Fábio Bosquê, Laerte Coutinho, José Hamilton Ribeiro, Juca Kfoury, Larissa Gould, Laurindo Lalo Leal Filho, Márcia Regina Quintanilha, Maria Inês Nassif, Mônica Zarattini, Pedro Zavitoski Malavolta e Rodrigo Vianna.

Artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal ou do SJSP.

Rua Rego Freitas, 530 - Sobreloja. CEP 01220-010. São Paulo - SP Tel: (11) 3217-6299

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Thiago Tanji **Secretária-geral** Candida Vieira **Finanças e Administração** Cláudio Soares **Interior** Solange Santana **Comunicação e Cultura** Eduardo Viné Boldt **Relações Sindicais e Sociais** José Eduardo de Souza **Sindicalização** Lílian Parise **Jurídica e de Assistência** Larissa Gould **Formação Sindical e Profissional** Cristina Charão

DIRETORES DE AÇÃO SINDICAL

Alan Rodrigues, Paulo Zocchi, Rafael Benaque, Sérgio Kalili, Cláudia Tavares, Evany Sessa, Pedro Pomar, Ana Maria Minadeo, Joanne Mota, Laura Capriglione, Michele Barros, Solange Melendez

COMISSÃO DE REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL (CORFEP)
Cadu Bazilevski, Roberto Parizotti e Sérgio Pais

REGIONAIS

ABCD Rossana Lana (diretora regional), Ana Valim, Peter Suzano, Vilma Amaro

Bauru Camila Fernandes (diretora regional), André Freire, Ricardo Santana, Sérgio Borges, Tânia Brandão

Campinas Marcos Alves (diretor regional), Márcia Quintanilha, Reginaldo Cruz, Valério Paiva

Piracicaba Patrícia Sant'Ana (diretora regional), Adriana Ferezim, Gustavo Annunziato, Martim Vieira, Paulo Roberto Botão

Ribeirão Preto Sérgio Sampaio (diretor regional), Fernando Braga, João Moreira, Raphael Cruz Pena

Santos Sandro Thadeu (diretor regional), Carlos Norberto Souza, Daniela Origuella, Ernandes Caires de Sousa, Gustavo Miranda, Suely Torres

Sorocaba Pedro Courbassier (diretor regional), Adriane Mendes, Caroliny Fernandes

Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira Rita Dell Aquila (diretora regional), Edvaldo Almeida

CONSELHO FISCAL

Fábio Soares, José Augusto Camargo, Norian Segatto, Pedro Malavolta, Alexandre Linares

COMISSÃO DE ÉTICA

Eliane Gonçalves, Fábio Venturini, Franklin Valverde, Joel Scala e Rodrigo Ratier

Contato: comissaodeetica@sjsjp.org.br

sjsjp.org.br

unidade@sjsjp.org.br

/JornalistasSP

/SindicatoJornalistasSP

@JornalistasSP

DESTAQUE

ASSANGE POR UM FIO, MAS A LUTA CONTINUA!

Corte de apelação da Justiça britânica negou recurso contra sua extradição para os EUA

por Pedro Pomar

“Vejo com preocupação a possibilidade iminente de extradição do jornalista Julian Assange. Assange fez um importante trabalho de denúncia de ações ilegítimas de um Estado contra outro. Sua prisão vai contra a defesa da democracia e da liberdade de imprensa. É importante que todos nos mobilizemos em sua defesa.”

Essa límpida e contundente declaração do presidente Lula em 10 de junho último – no dia seguinte à malfadada decisão da penúltima instância de apelação da Justiça do Reino Unido de negar o recurso de Assange contra sua extradição para os Estados Unidos – é um alento para seus defensores. Apesar disso, a situação do jornalista australiano aprisionado há quatro anos em Belmarsh (Londres) tornou-se extremamente difícil após a decisão de apenas três páginas do magistrado da alta corte Jonathan Swift.

Swift rejeitou com uma “canetada” todas as razões apresentadas pela defesa de Assange contra a ordem de extradição, assinada em junho de 2022 por Priti Patel, à época ministra do Interior do governo britânico. Os advogados do jornalista anunciaram novo recurso que seria impetrado na mesma corte de apelações e apreciado por um painel de dois juízes, após audiência pública.

“Não será possível interpor mais recursos no nível nacional, mas Assange poderá recorrer ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem”, diz a ativista brasileira Sara Vivacqua. A seu ver, a decisão de Swift é “frontalmente ilegal” e parece indicar “uma tentativa dos juízes de evitar por todos os meios que o Supremo Tribunal britânico tenha de decidir o caso Assange, para assim evitar que esta corte seja desqualificada, mundialmente, como participante numa das mais cruéis e óbvias perseguições políticas dos nossos tempos”.

**SE EXTRADITADO, O
FUNDADOR DO WIKILEAKS
PODERÁ SER CONDENADO
A PENAS QUE SOMAM
175 ANOS DE PRISÃO,
POR HAVER REVELADO
AO MUNDO CRIMES DE
GUERRA COMETIDOS POR
MILITARES DOS EUA**



Manifestante denuncia planos da CIA para assassinar Assange, e pede a sua libertação © FREEASSANGE-FLICKR

O critério de admissibilidade para que um caso seja submetido ao Supremo Tribunal, explica Sara, é ser de grande importância pública ou constitucional. “A perseguição política de Assange por quatro países violando sistemática e progressivamente seus direitos processuais e materiais faz do caso Assange um exemplo paradigmático de ambas as razões legais para que seja ouvido”, aponta a ativista. Ela faz referência à operação de *lawfare* que envolveu Suécia, Inglaterra e EUA, e que, após a troca de governo no Equador, com a substituição de Rafael Correa (o qual concedeu asilo ao jornalista) por Lenín Moreno, contou com a vergonhosa participação também desse país. Em abril de 2019, o Equador permitiu sua captura pela polícia inglesa na embaixada equatoriana em Londres, onde Assange havia se refugiado por sete anos.

“Assange foi espionado pela CIA durante seu asilo político numa embaixada estrangeira, onde teve suas conversas com advogados e médicos clonadas pela empresa de segurança da embaixada, UCL Globo, que agia como agente contratado da CIA, como ficou comprovado num processo legal em andamento em Madri”, acrescenta Sara. “Se este caso não é de interesse público ou de graves violações de direitos fundamentais, qual seria?”, questiona. “Julian Assange será extraditado para os EUA no final de julho ou em outubro, dependendo das conveniências”, vaticina ela, para quem a audiência oral na alta corte será “mera formalidade ritualística, para dar a impressão de que o procedimento legal foi seguido”.

Biden, retire as acusações!

A nova negativa judicial foi uma ducha de água fria no movimento pela libertação de Assange, que vinha crescendo. Além de maior organização no plano internacional, aumentou a pressão

contra os EUA, que ganhou nitidez, por exemplo, na campanha “Biden, retire as acusações contra Assange”.

As seguidas manifestações de estadistas, como Lula e o presidente mexicano López Obrador, bem como de celebridades como Roger Waters e o ex-ministro grego Yanis Varoufakis, ajudam a evitar que o caso seja esquecido. No Brasil, a campanha ganhou apoio de dezenas de parlamentares e de artistas como Caetano Veloso e Chico Buarque. E a mudança de governo na Austrália contribuiu, desde maio de 2022, para melhorar a correlação de forças desta batalha profundamente desigual.

De um lado, o império norte-americano e seus aliados, e de outro lado um jornalista implacavelmente perseguido, enjaulado e que vinha contando somente com o apoio da família, de amigos, de entidades de jornalistas e movimentos sociais. Mas a chegada dos trabalhistas australianos ao governo trouxe consigo algumas mudanças, reportadas pelo jornal *The Guardian*.

O primeiro-ministro Anthony Albanese passou a se pronunciar publicamente em favor da imediata libertação de Assange; em abril, o alto comissário da Austrália no Reino Unido, Stephen Smith, visitou Assange na prisão; em maio, um grupo de membros do Parlamento avistou-se com a embaixadora dos EUA Caroline Kennedy, para pedir a suspensão do processo de extradição, e encaminhou carta de idêntico teor ao presidente Joe Biden; e até o líder da oposição, Peter Dutton, propôs o encerramento do caso contra o fundador do WikiLeaks.

Caso seja extraditado, Assange poderá ser condenado a penas que somam 175 anos de prisão, unicamente por haver revelado ao mundo, por meio do WikiLeaks, crimes de guerra e de espionagem dos EUA. Se assim for, a única certeza é que a luta por sua libertação continuará e será intensificada. ●



Após lerem chocante matéria sobre a violência sofrida por Esmeralda dentro da Globo, mais de 80 trabalhadoras da empresa se manifestaram, vestidas de verde.



MOVIMENTO ESMERALDA

por Juliana Almeida
Eduardo Viné Boldt

“

EM 2015, LANÇAMOS O PROGRAMA DE COMPLIANCE E O CÓDIGO DE ÉTICA E CONDUTA DO GRUPO GLOBO. ELES REFLETEM OS PRINCÍPIOS E VALORES ÉTICOS QUE SEMPRE FORAM OBSERVADOS EM NOSSA EMPRESA. O PROGRAMA TEM SE MOSTRADO EFICIENTE, MAS NÃO DESCUIDAREMOS DE SEU CONSTANTE APRIMORAMENTO. TEMOS OBSERVADO AS PROFUNDAS MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA. NOSSO OBJETIVO É QUE AS EMPRESAS DO GRUPO GLOBO ACOMPANHEM ESSAS TRANSFORMAÇÕES E QUE NOSSO AMBIENTE CORPORATIVO SEJA CADA VEZ MAIS SEGURO, JUSTO E ACOLHEDOR.”

TRABALHADORAS DA TV GLOBO SE REUNIRAM EM ATO EM SOLIDARIEDADE À VÍTIMA DE ASSÉDIO MORAL E SEXUAL ESMERALDA SILVA. CASOS COMO O DELA SE SOMAM A OUTRAS DENÚNCIAS E TRAZEM À TONA A INCAPACIDADE DAS EMPRESAS DE RESGUARDAR A SEGURANÇA DE SUAS FUNCIONÁRIAS, MESMO COM A CRIAÇÃO DE PROGRAMAS DE COMPLIANCE E CÓDIGOS DE CONDUTA

É

com esse parágrafo que, já na primeira página do *Código de Ética e Conduta do Grupo Globo*, o presidente do conselho de administração João Roberto Marinho saudou seus empregados e apresenta a terceira edição da publicação. O documento tem 40 páginas e é facilmente encontrado na internet em sua mais recente versão, publicada em novembro de 2021. O programa de *compliance* e o *Código* margeiam as relações entre os trabalhadores e a emissora, e definem condutas para as mais diversas situações que possam acontecer entre os envolvidos nas atividades do grupo, em todas as suas empresas.

Como instrumento de gestão, áreas como essas são facilmente encontradas nas estruturas de empresas em diversas atividades econômicas, sendo um setor valorizado atualmente no mundo corporativo. A questão que se coloca é a efetividade desses departamentos para garantirem a construção de um ambiente seguro aos seus empregados, para além das pomposas reuniões de diretoria e conselhos administrativos.

A construção de relações saudáveis *

A revista *piauí* publicou no dia 19 de maio uma matéria que revela um escândalo contra o Grupo Globo. A reportagem *A Globo e o assédio sexual*, escrita pelo jornalista João Batista Jr., narra situações de violência ocorridas dentro da emissora, em horário de trabalho, contra uma de suas empregadas. A funcionária, que não teve o seu nome revelado, mas quis ser chamada de Esmeralda Silva, denunciou diversos crimes sofridos durante o seu período na empresa.

A reportagem que dá espaço aos relatos de Esmeralda é estarrecedora. A engenheira e radialista vítima dos assédios conta que houve em seu curto período na emissora – de um ano e nove meses – uma série de condutas criminosas praticadas por quatro funcionários contra ela.

Esmeralda trabalhou na empresa de janeiro de 2017 a outubro de 2018 e, logo nos primeiros meses, sofreu assédio de ao menos quatro funcionários diferentes em seu setor. Os episódios se sucederam desde a sua chegada ao departamento técnico e, com o tempo, foram aumentando de intensidade, chegando ao insuportável. Por ter origem nordestina – ela nasceu na Paraíba –, agressões xenofóbicas e misóginas eram comuns no seu ambiente laboral. Os recorrentes assédios morais e sexuais sofridos por ela criaram um ambiente de terror em seu local de trabalho, destruindo o sonho de trabalhar na maior emissora de televisão do país.

As investidas contra Esmeralda eram muito agressivas e de conteúdo machista. Era comum ouvir frases como “Uma mulher gostosa como você, com esse bundão, não tem como ficar sozinha. Você faz um homem perder o juízo”, relatou a reportagem da *piauí*.

CAPA

Cinco meses após a sua contratação, o pior aconteceu. Ela descreve um episódio de estupro dentro do centro de transmissão da emissora, local onde trabalhava. A matéria detalha os acontecimentos e as devastadoras consequências para a vida da trabalhadora. Desde então, Esmeralda nunca mais foi a mesma. A violência sofrida resultou em seu adoecimento, e ela acabou desenvolvendo uma depressão crônica. As cicatrizes do assédio sofrido nunca foram embora, mesmo após deixar a empresa. Por duas vezes ela tentou tirar a própria vida.

Esmeralda moveu uma ação contra a Globo após quatro anos dos fatos ocorridos, quando já estava em sua terra natal. A situação de vergonha e fragilidade em que se encontrava a impediu de dar continuidade às denúncias logo após deixar a emissora.

A Justiça do Trabalho condenou a Globo a pagar indenização à vítima. Após recurso, a sentença foi ratificada pelo Tribunal Regional do Trabalho, que aumentou em mais de 20 vezes o valor da indenização calculada na primeira instância. A emissora tentou um acordo com a ex-empregada, sem sucesso. A empresa então recorreu mais uma vez, questionando um dos depoimentos durante a fase de instrução do processo, e teve o seu pedido negado pelo Tribunal Superior do Trabalho. O processo e seus detalhes seguem em segredo de justiça.

Os agressores não foram levados a julgamento. Esmeralda afirma que denunciou parte dos abusos ainda como funcionária da Globo ao departamento competente. Ao longo do tempo, segundo contou à revista, as respostas recebidas ficaram aquém das suas expectativas. Hoje, dos quatro abusadores citados, três já deixaram a emissora. Ao que tudo indica, segundo a reportagem, um dos agressores permanece no quadro de funcionários.

Responsabilidade com as pessoas *

Na própria sexta-feira em que foi publicada a reportagem, o link da matéria começou a circular entre as funcionárias da emissora. Apesar da gravidade das denúncias, os casos de assédio não eram de conhecimento da maioria dos empregados.

“Teve alguém comentando em algum

dos grupos em que estou, e a pessoa só colocou a seguinte frase no grupo do WhatsApp, algo como ‘Aconteceu um estupro dentro da Globo? É isso mesmo?’ Acho que foi o que me fez abrir o link na hora. Eu li e voltei para o WhatsApp para ver se alguém nos meus grupos tinha lido, se já tinha alguém comentando a respeito, e ainda não tinha. Aí eu fui em um grupo composto por diversas mulheres jornalistas. Durante o fim de semana o assunto começou a girar e girar no WhatsApp”, comenta Clara**, funcionária da Globo.

As equipes de jornalismo e do Centro de Transmissão e Recepção de Sinais, local onde Esmeralda trabalhava e onde foi vítima das agressões, se organizaram. Em pouco tempo conseguiram mobilizar as trabalhadoras da empresa para um ato simbólico. Após a repercussão da matéria no final de semana, Clara buscou entre os grupos de WhatsApp alguma mobilização por parte das funcionárias, tanto para cobrar uma posição da emissora diante do caso, quanto para oferecer apoio à Esmeralda.

Trabalhadoras de diferentes setores decidiram realizar, como forma de protesto, um ato silencioso. Vestidas de verde, em referência ao nome fictício da ex-colega, criaram o “Movimento Esmeralda”, e, já na segunda feira, dia 22 de maio, mais de 80 mulheres se manifestaram em apoio a ela. O ato extrapolou a redação e foi registrado nos programas da própria emissora, com repórteres e apresentadoras como Ana Maria Braga e Patrícia Poeta aparecendo no ar vestidas com a cor do movimento.

Casos como os ocorridos no Grupo Globo não são isolados. De acordo com o estudo de violência de gênero elaborado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), com apoio do Comitê para Proteção de Jornalistas (CPJ), Instituto Patrícia Galvão, Instituto Mulheres Jornalistas, Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Gênero e Número e Repórteres Sem Fronteiras (RSF), realizado em 2021, foram registrados 119 ataques contra mulheres jornalistas ou ataques de gênero, e o principal motivo de agressão é o fato de o autor se apoiar no gênero ou sexualidade da vítima para atacá-la. Entre as atingidas, 85,7% são repórteres ou analistas de meios de comunicação.

A Abraji informa ainda no relatório que

ESMERALDA AFIRMA QUE DENUNCIOU PARTE DOS ABUSOS AINDA COMO FUNCIONÁRIA DA GLOBO AO DEPARTAMENTO COMPETENTE, MAS AS RESPOSTAS RECEBIDAS FICARAM AQUÉM DAS SUAS EXPECTATIVAS



31% dos casos são ataques de gênero. Entre eles, 64,4% são ataques à reputação e à moral, usando a aparência, a sexualidade ou traços sexistas de personalidade para agredir.

Os dados são claros, mas mostram pouco do dia a dia das mulheres que atuam em veículos de comunicação. O caso abalou funcionárias em todas as áreas da emissora. “Uma pessoa foi literalmente violentada no local onde eu trabalho. Só por saber isso, só por saber que foi há tão pouco tempo, provoca uma série de gatilhos na gente. Não é difícil você achar uma mulher que já tenha sofrido assédio no ambiente de trabalho, não é difícil você achar uma mulher que já tenha sido violentada. Eu já fui”, diz Clara.

Outro problema evidente em casos de violência contra as mulheres é a subnotificação dos assédios. O constrangimento vivido pelas vítimas desse tipo de abuso e a necessidade de esquecer a violência sofrida fazem com que a maioria das ocorrências não chegue sequer a ser comunicadas à empresa. Casos com exposição e divulgação, como o de Esmeralda, são, infelizmente, exceção à regra.

Um levantamento realizado pela Mind-sight, empresa de recursos humanos, mostra que mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual que homens em ambiente de trabalho. Ainda no recorte de gênero, 38% das mulheres já foram ví-

timas de abuso moral, mas apenas 6,6% registraram algum tipo de denúncia, e o principal motivo para isso é o medo de demissão.

No dia da mobilização, muita gente não sabia o que tinha ocorrido dentro da Globo em São Paulo. Segundo as entrevistadas, o caso não havia chegado “às grandes esferas”. Uma parte importante dos trabalhadores não tinha conhecimento do motivo do ato, e funcionárias que participaram do movimento relatam ter ouvido nos corredores questionamentos como: “Por que vocês estão de verde?”.

As trabalhadoras contaram também ter ouvido risos diante da movimentação. Outras perceberam que havia pessoas sem compreender os motivos e a gravidade da situação. “A gente ficou sabendo de pessoas que foram procurar entender. Mas eu penso que essa falta de informação, das pessoas não terem se informado, não estarem cientes do que aconteceu, foi reforçado pelo fato de a empresa não ter se posicionado”, avalia Clara. Não houve pronunciamento do Grupo Globo frente à matéria publicada pela revista.

O cuidado com nossas informações *

Apesar de trabalharem no principal conglomerado de comunicação do país, foi pela matéria da revista *piuí* que as organizadoras do movimento e empregados da empresa souberam do caso. Só assim parte dos trabalhadores teve acesso à história e pôde se posicionar sobre o que estava acontecendo na Globo.

No mesmo dia do ato a empresa emitiu uma nota sobre a manifestação, em que dizia:

“A livre manifestação dos profissionais da empresa está em total alinhamento com a nossa gestão de transparência e diálogo permanente. De qualquer forma, a Globo reitera que não comenta casos de *Compliance* e aproveita para reiterar também que a empresa mantém um Código de Ética em linha com as melhores práticas atualmente adotadas, que proíbe terminantemente o assédio e deve ser cumprido por todos os colaboradores, em todas as áreas da empresa. Da mesma maneira, a Globo mantém uma Ouvidoria pronta para receber quaisquer relatos de violação de seu Código de Ética, que são apurados criteriosamente, com a punição dos responsáveis por desvios. Nesse mes-

mo Código, assumimos o compromisso de sigilo em relação a todos os relatos de *Compliance*, razão pela qual não fazemos comentários sobre as apurações. Nosso sistema de *Compliance* também prevê o apoio integral aos relatores, proibindo qualquer forma de retaliação em razão das denúncias.”

Dentre os choques causados pela publicação da reportagem, além da violência exposta, a descoberta de que um dos acusados de assédio ainda compõe o quadro de funcionários causou revolta e apreensão entre as trabalhadoras. “A gente ficou bem assustada com o relato, de saber que uma pessoa tão próxima de nós passou por isso sem que a gente soubesse. E, pior ainda, um deles segue aqui! Um dos quatro elementos! Então, a gente ficou bem chateada, e o mínimo que podíamos fazer era esse movimento, de se unir e de chamar a atenção para uma causa tão importante”, diz Clara.

De acordo com as funcionárias, somente um gestor se manifestou de forma direta. “Nenhum homem veio perguntar para mim: ‘Eu posso vestir verde? Eu devo vestir verde? Vocês precisam de algum apoio?’ Não. Apenas um homem me questionou: por que a gente não foi convidado a participar?”, afirma Giovana*. Quem a questionou nos corredores foi um dos gestores de jornalismo.

Durante a manifestação, ouviram-se relatos indiretos de que alguns gestores, em conversas privadas com jornalistas específicas, as intimidaram a não vestir verde em “frente às câmeras”. A cultura do assédio se manifesta mesmo em um ato simbólico e silencioso, como o promovido pelas trabalhadoras.

As funcionárias entrevistadas pelo *Unidade* se referiram ao *Código de Ética* da empresa. O documento, citado na abertura desta matéria, destaca em seu item 4.2: “O respeito ao próximo é uma premissa levada a sério pelo Grupo Globo. Comportamentos abusivos, como assédio moral e sexual, conduta sexual indesejada e *bullying*, ou outras formas de abuso de poder, bem como agressões físicas ou verbais, ou ameaça de agressão entre integrantes ou terceiros, não serão tolerados em hipótese alguma”.

O texto contempla os desejos de qualquer trabalhador em seu ambiente laboral, mas ao que parece existe uma dificuldade, por parte do Grupo Globo, de transformar

as palavras em ações efetivas. Pelo relato feito ao Sindicato, não são oferecidos cursos ou palestras para funcionários sobre assédio sexual ou moral. Esse tipo de treinamento é realizado apenas para trabalhadores em cargos de gestão, o que limita o conhecimento e o acesso aos canais de denúncia criados pela própria empresa às pessoas mais vulneráveis.

A orientação que se tem, segundo as fontes consultadas, é que, caso algum funcionário tenha queixa de assédio ou de alguma situação que fira a sua integridade, as denúncias devem ser levadas ao departamento de recursos humanos do Grupo Globo, ação por vezes vista como insuficiente para o fim da prática de assédio.

A quem se destina esse código*

Maior emissora do país e um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo, o Grupo Globo coleciona denúncias de prática de assédio moral e sexual, envolvendo a empresa em diversas ações trabalhistas. Desde a implantação da Área de *Compliance* e do *Código de Ética*, casos ocorridos nos mais variados setores da empresa foram expostos para o público, e só saíram do “sigilo” do *compliance* graças à luta das próprias trabalhadoras.

Em abril de 2017, uma manifestação conjunta das empregadas chamava a atenção sobre uma denúncia de assédio sexual na empresa. Na ocasião, o ator José Mayer foi acusado de assediar uma figurinista dentro da emissora, no exercício de sua atividade. A figurinista fez a denúncia por meio de uma carta aberta no blog *Agora é que São Elas*. As trabalhadoras de São Paulo se somaram à luta em um movimento nacional, e vestiram camisetas com a frase “Mexeu com uma, mexeu com todas”. Elas realizaram, dentro da emissora, uma roda de conversa com o objetivo de chamar a atenção para o tema, além de encorajar as vítimas de assédio a fazerem as denúncias.

A articulação do grupo de mulheres deu visibilidade ao caso e no mesmo ano elas elaboraram uma carta assinada por vários empregados, de diversos setores. O documento foi entregue à direção da empresa.

Afastado das produções da Globo desde então, o ator só se pronunciou sobre o caso no começo de 2023, em um programa de televisão, afirmando ser “o sím-

bolo do velho machista, pela repetição de tantos personagens com esse perfil”.

As trabalhadoras se articularam e criaram um grupo de WhatsApp chamado “Mexeu com uma, mexeu com todas”, existente até hoje, que ajudou na mobilização do ato realizado em defesa de Esmeralda. “Esse grupo é bastante restrito, e não consigo dizer exatamente quem são os participantes ou de onde as denúncias partiram. Foi um esforço conjunto de várias pessoas. Com o passar do tempo, notamos que havia muitas funcionárias da Globo se juntando ao grupo. Apareceram muitas mulheres interessadas em saber o que estava acontecendo e em participar das discussões”, conta Giovana. Desde então, a movimentação de funcionárias se intensificou.

Em 2020, a própria revista *piauí* havia publicado pela primeira vez as denúncias de assédio contra o ator e diretor Marcius Melhem. O humorista chegou a ser afastado de suas atividades, e depois foi demitido. Esse é o caso de assédio de maior repercussão na atualidade, e vem se arrastando em uma briga jurídica amplamente divulgada nos veículos de comunicação, por envolver um grupo de estrelas da emissora.

O debate sobre o caso não ficou fora da discussão das trabalhadoras. “Quando saiu a denúncia sobre o assédio do Marcius Melhem, conversamos muito sobre o caso no grupo. Questionamentos sobre a efetividade do *compliance*, discussões sobre a culpa que as mulheres sentem, sobre as dúvidas que surgiram em torno das vítimas, e não do assediador”, comenta Giovana.

O caso envolveu ainda denúncia de censura. A Justiça chegou a suspender a publicação de matérias sobre o assunto enquanto as investigações estivessem em andamento.

Em julho de 2021, o colunista Gabriel Vaquer divulgou que a Globo responde a mais um processo por convivência com assédio moral, dessa vez em seu canal especializado em esporte. O então chefe de redação do SporTV obrigava a funcionária denunciante a dar voltas pela redação para exibi-la, constrangendo a trabalhadora. O jornalista autor da matéria informa que a funcionária recebia ofensas do gestor, sendo chamada de “incompetente, desqualificada e despreparada”. As testemunhas do caso comprovaram também a utilização de frases de cunho obsceno, como dizer que ela “estava uma delícia”, e condutas inadequadas, para dizer o mínimo, como beijar a mão da subordinada.

O chefe em questão foi desligado da emissora em 2021. Novamente, neste caso, a emissora foi condenada em primeira instância. Em nota enviada à coluna, a resposta da Globo repetiu o texto vago sobre todo e qualquer caso que chegava a ser investigado pela própria

gestão da empresa: “A Globo não comenta assuntos da Ouvidoria, mas reafirma que todo relato de assédio, moral ou sexual, é apurado criteriosamente assim que a empresa toma conhecimento. A Globo não tolera comportamentos abusivos em suas equipes e incentiva que qualquer abuso seja denunciado. Neste sentido, mantém um canal aberto para denúncias de violação às regras do Código de Ética do Grupo Globo.”

Respeito e valorização *

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) está trabalhando com um canal de denúncias de assédio moral e sexual. “É uma experiência em construção no Sindicato. As vítimas ainda têm dificuldades para falar. Muitas temem perder os empregos ou sofrer perseguições posteriores. Não há uma consciência sobre denunciar para evitar novos casos e mostrar para as chefias que não se pode assediar, que assédio dói e pode levar pessoas a adoecerem. Nosso canal começou na gestão anterior, com essa tentativa de termos procedimentos mais organizados. Mas o Sindicato sempre atendeu e deu encaminhamentos para os casos que chegaram”, conta Candida Vieira, secretária-geral do SJSP.

O procedimento primário é ouvir a vítima. Normalmente, a entidade atende a denunciante com a presença de duas pessoas. Depois, o caso é avaliado junto com o Jurídico e a Diretoria Executiva. Os fatos, dados da vítima, da empresa e toda a história são tratados como confidenciais, e apenas os diretores ou as diretoras envolvidos(as) na apuração têm acesso às informações. Só há a abordagem de forma pública, como a divulgação de uma nota, por exemplo, se houver anuência da pessoa atingida.

“Cada caso é um caso. Avaliamos com a vítima se necessita de apoio psicológico. O acolhimento é fundamental para quem sofre algum tipo de agressão, seja o assédio moral ou o sexual. A maior parte é de mulheres jornalistas. A Comissão de Saúde da Fenaj tem dado respaldo para a do Sindicato”, destaca a secretária. ●

* Os intertítulos foram retirados do *Código de Conduta do Grupo Globo*.

** Os nomes citados nesta reportagem são fictícios, para proteger a identidade das funcionárias da emissora.

COJIRA

THE GUARDIAN INVESTIGA SEU PASSADO ESCRAVOCRATA

Jornal inglês anunciou programa de reparação histórica que envolve fundo e reportagens sobre a escravidão transatlântica

por **Thais Folego Gama**

“Há uma ilusão no centro da história britânica que esconde o papel da escravidão na construção da nação (...). O truque foi construído ao longo dos séculos por políticos, lobistas e jornalistas que buscavam criar uma versão altamente romantizada de nossa história nacional”, escreveu o historiador e comunicador David Olusoga na reportagem “Escravidão e o *The Guardian*: os laços que nos unem”.

O texto faz parte do projeto *Cotton Capital*, série de reportagens em texto e podcast que explora como a escravidão transatlântica de pessoas negras moldou *The Guardian* (o jornal), Manchester (a cidade em que a publicação foi fundada), o Reino Unido e o mundo, partindo de uma investigação sobre os próprios vínculos dos fundadores do jornal com a escravidão e seus legados duradouros até hoje.

“É importante o posicionamento do jornal de que, para investigar os outros, precisam antes investigar a si próprios”, observa a jornalista Beatriz Sanz, membro da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial de São Paulo (Cojira-SP).

A Scott Trust Limited, dona do *Guardian* e de outras empresas de mídia no Reino Unido, encomendou pesquisa acadêmica independente para investigar se havia alguma conexão histórica entre a escravidão e John Edward Taylor, jornalista e comerciante de algodão que

fundou o diário em 1821, e outros empresários de Manchester que o financiaram.

O relatório *Scott Trust Legacies of Enslavement* revelou que Taylor e ao menos 9 de seus 11 apoiadores tinham ligações com a escravidão. Taylor tinha vínculos por meio de parcerias na empresa de algodão Oakden & Taylor e na Shuttleworth, Taylor & Co, que importavam grandes quantidades de algodão bruto das Américas. Daí o nome da série *Cotton Capital* – Dinheiro do Algodão, em tradução livre. O cultivo de algodão na América colonizada pelos ingleses foi marcado pela mão de obra escravizada.

A investigação chegou até o Brasil, uma vez que, durante o comércio transatlântico de escravos, mais africanos escravizados foram trazidos para cá do que para qualquer outro país. “É outro lugar onde *The Guardian* encontrou uma ligação entre seu fundador, alguns de seus financiadores e a escravidão transatlântica”, diz o resumo do episódio 4 da série de podcast. Ele destaca que mais da metade da população brasileira se identifica como negra e há mais negros no Brasil do que em qualquer outro país fora da África, mas que o país ainda luta contra um “profundo racismo estrutural”.

Diante da investigação, a empresa pediu desculpas “aos descendentes sobreviventes dos escravizados pela parte que o *Guardian* e seus fundadores tiveram neste



Empresa dona do *Guardian* encomendou investigação em 2020, na esteira do movimento Black Lives Matter. © GUARDIAN DESIGN/GETTY IMAGES/HUBBARD & MIX/REPRODUÇÃO

crime contra a humanidade”. Também se desculpou por suas posições editoriais que serviram para apoiar a indústria do algodão e, portanto, a exploração de pessoas escravizadas. O jornal anunciou ainda um programa de reparação que inclui um fundo de 10 milhões de libras (equivalente a cerca de R\$ 60 milhões). Parte será destinada a comunidades de descendentes de escravizados ligadas aos fundadores do *Guardian* no século 19 e parte será investida em quatro frentes, para aumentar:

1. a conscientização sobre a escravidão transatlântica e seus legados por meio de parcerias em Manchester e globalmente;
2. a diversidade na mídia;
3. pesquisas acadêmicas; e
4. o escopo e a ambição das reportagens do *Guardian*.

A iniciativa de reparação histórica e racial do *Guardian* é um marco para o jornalismo. Pesquisas acadêmicas mostram que, ao não reconhecerem o racismo como um problema também do campo da comunicação, as práticas jornalísticas o reforçam: quando pessoas negras são retratadas apenas em páginas policiais e inexistentes nas reportagens de economia; quando dão espaços para colonistas racistas e negacionistas; quando profissionais negros são uma minoria dentro das redações – os que chegam a cargos de liderança são ainda exceção. ●

INICIATIVA É UM MARCO PARA O JORNALISMO: PESQUISAS MOSTRAM QUE, AO NÃO RECONHECEREM O RACISMO COMO UM PROBLEMA DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO, AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS O REFORÇAM



DECISÃO HISTÓRICA NO STF ENCERRA LONGA BATALHA POR JUSTIÇA

por Eduardo Viné Boldt
Juliana Almeida
Mônica Zarattini

No dia 26 de abril, a Justiça paulista negou indenização ao repórter fotográfico Sérgio Silva, que ficou cego após tiro de bala de borracha disparado pela Polícia Militar durante protesto no dia 13 de junho de 2013. Sérgio cobria manifestação contra o aumento das tarifas de ônibus, quando a PM abriu fogo contra a multidão.

Apesar de todas as evidências de uso excessivo de força por parte da PM, que admitiu ter disparado nada menos do que 178 tiros de bala de borracha e mais de 500 bombas de efeito moral naquela noite, os três desembargadores da 9ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) decidiram manter a decisão de 2017 da mesma turma, que julgou improcedente o pedido de indenização feito por Sérgio Silva.

Segundo eles, não se mostraram provas, no processo, de que a lesão que cegou Sérgio foi causada pelo tiro de bala de borracha disparado pelos policiais. Os desembargadores citaram o laudo pericial, segundo o qual o ferimento poderia ter-se originado de “pau, pedra, mão, cabeça, bolas de gude, bolas e tacos de bilhar, ‘paintball’, coronha de armas, máquina fotográfica próxima ao olho para fotografia e até mesmo projéteis de arma de fogo feitos de borracha ou de elastômero etc.”.

Assim como Sérgio Silva, o fotojornalista Alex Silveira também foi atingido no olho por uma bala de borracha, enquanto cobria manifestação de professores, na avenida Paulista, em 2000. Após 21 anos de espera, o profissional foi vitorioso na ação indenizatória, com a decisão estabelecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em junho de 2021. Apesar da jurisprudência estabelecida pelo caso de Alex, Sérgio segue sendo negligenciado pelo Estado. O *Unidade* conversou com o fotojornalista Alex Silveira, sobre o seu caso e como ele deve servir de exemplo para que a justiça seja feita para Sérgio Silva.

ENTREVISTA



Alex, de 2021 pra cá, como se desenvolveu o processo?

Alex Silveira: O julgamento em si da questão no Supremo Tribunal Federal (STF) demorou cerca de três meses. Em outubro [de 2021] saiu o acórdão do ministro Alexandre de Moraes dando vitória, lá constava voto contra unicamente do Nunes Marques, o que eu achei muito engraçado. Citando isso, o Juca Kfoury mandou uma mensagem falando que não era para ficar triste com o dez a um, porque o voto contra do Nunes Marques eu poderia até colocar no currículo, que me ajudaria a arrumar um emprego. O voto contra do Nunes Marques é elogio.

De lá para cá, a ação voltou para a primeira instância do estado de São Paulo, para que fossem definidos valores de fato, porque a decisão do Supremo deixava claro que eu tinha vencido, que o estado tinha sido vencido e era obrigado a me pagar uma pensão vitalícia referente ao valor que eu ganhava na época, em 2000, atualizado pelo salário-mínimo. Nesses dois anos, o estado de São Paulo deu uma demorada para resolver, enrolou muito, teve a questão das multas, mas, no final das contas, há um mês e meio nós entramos num acordo, e foi definido, graças a Deus. Está terminado o processo. Eles estão me pagando uma pensão vitalícia mensal, e o retroativo disso também, desde a decisão. O valor eu acho que foi bem justo e, mais do que justo, foi importante, porque não adianta você dar, por exemplo, para o cara que foi pego bêbado dirigindo, um ponto na carteira mais 20 reais de multa, ninguém vai parar de beber. A coisa tem que vir de cima pra baixo, a ordem de que se vai usar a bala de borracha tem de ser feita de acordo com que o manual diz, e não da forma que foi feita.

Jamais atirar na cabeça, no peito ou na barriga...

AS: Tem toda uma regra, não sei por que usa [bala de borracha], mas já que vai usar, tem que ser usada de acordo com o que o manual diz. Enfim, graças a Deus se resolveu. Volto a dizer o que eu disse por todo esse tempo: na minha opinião, justiça feita em 23 anos por si só não é justa.

Precisa entrar no bolso, né, seria o bolso do governo.

AS: Justiça que demora 23 anos para ser feita já está tudo errado, independente de para quem ou para o que foi. Não se demora 23 anos para resolver a vida de alguém.

O que aconteceu com você é importante, a decisão e essa finalização, para que a sua vida fosse resolvida, mas o maior exemplo é para que não aconteça isso com outros fotógrafos.

AS: É exatamente isso, eu acho que independente do que eu possa vir a fazer ou já tenha feito de fato como fotógrafo, nunca na minha vida eu vou chegar a fazer uma coisa tão relevante quanto isso. Durante sessões de psicanálise, eu falei com os próprios psicólogos e acabei aceitando, eu tenho que incorporar isso, obviamente eu tive uma perda de visão, eu não perdi o globo ocular, como o Sérgio, mas perdi o meu único olho bom, porque o outro sempre teve problema, eu nasci com problema. Hoje em dia eu tenho 10% de visão em um olho e isso obviamente afeta muito a vida da gente...

Para fotografar. E gostaríamos de lembrar da manifestação, em 2016, com a ideia de usar um tapa-olho, o que se repetiu em 2021, durante o julgamento do STF, além de uma transmissão ao vivo com diversos entrevistados durante a audiência.

“

ACHO MUITO RELEVANTE VER QUE, APESAR DE TODO ESSE PERRENGUE, TODA ESSA EPOPEIA JURÍDICA, TODA ESSA SITUAÇÃO PELA QUAL EU PASSEI, VEIO A CRIAR A JURISPRUDÊNCIA QUE PODE AJUDAR A QUE NINGUÉM MAIS PASSE POR ISSO

Alex foi atingido em 2000 por bala de borracha disparada pela Polícia Militar, quando cobria manifestação de professores

© CAIO GUATELLI

AS: E o que eu acho muito relevante nisso tudo foi ver que, de certa forma, apesar de todo esse perrengue, toda essa epopeia jurídica, toda essa situação pela qual eu passei, veio a criar a jurisprudência que pode ajudar a que ninguém mais passe por isso. A união de todo mundo é uma das coisas que eu mais fico lisonjeado e feliz com o que aconteceu, e toda vez que eu falo nisso o olho enche d'água, porque nas duas vezes, em 2016 e em 2021, eu não estava no estado [de São Paulo], eu tava longe, isso aconteceu de uma forma meio orgânica. Foi uma iniciativa que partiu de vocês...

Foi da categoria...

AS: Foi uma iniciativa de vocês e foi uma coisa que, obviamente era comigo, atingia diretamente a mim, ao Sérgio, mas se você parar para pensar afeta todo mundo.

O Sérgio Silva também ficou prejudicado, teve um olho atingido durante as manifestações de junho de 2013, que acabaram de fazer 10 anos. Como você acha que o seu processo possa auxiliar o caso do Sérgio?

AS: Respondendo e meio que no estilo Alex Silveira de responder: o que eu acho, não devia nem contar, pra ser sincero. É uma jurisprudência, se aquele órgão que tá lá em Brasília, chamado Supremo, disse que aquela decisão era uma repercussão geral, o que se pressupõe é que eles não querem que cheguem mais casos desse jeito lá para serem resolvidos, é pra ser resolvido na primeira instância, é pra ser tomado como exemplo na primeira instância. Eu acho que o que aconteceu há pouco tempo com o Sérgio, do colegiado de juízes dizer que a culpa não foi do estado, a culpa foi unicamente dele...

Que é um absurdo...

AS: É esdrúxulo, não tem nem o que falar.

Alex Silveira



Eu, graças a Deus não sei nem o nome dos juizes, porque senão eu podia cometer algum sacrilégio aqui, mas, enfim, a questão é a seguinte: não faz sentido. Primeiro, ele tava com a arma na mão? Não, então a culpa não é dele. Ele poderia inclusive não estar ali como repórter fotográfico, poderia estar como manifestante, e a polícia não teria o direito de dar o tiro no olho dele.

Sendo que, muito antes aconteceu isso com você, já era para as regras da Polícia Militar não permitirem esse tipo de truculência, né? Pensar antes de fazer...

AS: É uma coisa que eu acho muito engraçada é a seguinte: eles usaram exatamente na mesma instância, que foi a segunda, que em 2016 me deu como culpado, as mesmas palavras pro Sérgio, ou seja, parece uma coisa decorada. O caboclo entrou, foi lá, pegou uma coisa: “É isso aqui que você tem que falar”. Falaram que ele era culpado porque não existia nexo causal. Tá, vamos tentar explicar. Nexo causal (*) significa alguma coisa que justifique que a polícia é a culpada por aquilo que aconteceu. Tá, número 1: ele foi acertado com uma bala de borracha, você pode olhar na literatura desse tipo de coisa no mundo inteiro, não vai ver uma pessoa em que a bala de borracha tenha ficado alojada dentro dela. Porque já é bala de borracha pra isso, ela bate e volta.

Pra não entrar, né?

AS: Pra não entrar. Agora, você vai dizer que a bala de borracha nunca causou dano nenhum em ninguém? É chamar todo mundo de otário. Então, para que diabos eles usam isso? Por que todo mundo deveria ter medo da bala de borracha? Se não causa danos, por que eu vou ter medo? E aí, vem um juiz, que não deixa o advogado do Sérgio se defender, porque parece que

tava todo mundo com pressa, os três juizes passam meia hora conversando entre eles se dariam a palavra ao advogado do Sérgio, não se deram ao trabalho de colocar a toga para dar essa decisão. E vêm com uma decisão de que, além de não ter o nexo causal, a tal da bala de borracha não ficou nele. Além de não ter o nexo causal, chegam ao cúmulo de falar que poderia ter sido uma bola de futebol, ou seja, além de tudo fica irônico, aquela coisa de pegar: colocaram o Juca Chaves? Baixaram o Juca Chaves, pro juiz chegar e falar uma coisa irônica? Ridículo...

É um desrespeito enorme...

AS: É um desrespeito com a pessoa. Serve para o Sérgio a mesma frase que eu falei pra minha vida inteira: a polícia me feriu, mas a Justiça destroça a gente, destroça pelo tempo e pela forma com que age.

E agora, com a chegada do Tarcísio de Freitas, que foi da chapa do Bolsonaro? A gente já conhece essa Polícia Militar do estado [de São Paulo], sabe da truculência dela durante os governos tucanos, imagine em um governo bolsonarista. Como você vê o trabalho de cobrir as manifestações, com essa PM sendo mandada por um governo de direita como é o de Tarcísio?

AS: Complicado. Bom, vou tentar começar do início da pergunta. Ele pelo menos encontrou o lugar onde vota, no dia da eleição ele conseguiu ir lá. Na rapidez, alguém falou onde era, em outra cidade, mas, enfim, ele conseguiu acertar o lugar onde vota. De alguma forma ele foi eleito. Eu não sei explicar isso, mas enfim, toca o barco. Eu enxergo assim: apesar de ser bolsonarista, acho que até ele conseguiu enxergar que estar ao lado desse sujeito [Bolsonaro] não valia a pena, então de certa forma ele está tentando se descolar, politicamente dizendo. Mas...

“

É UM DESRESPEITO COM A PESSOA. SERVE PARA O SÉRGIO [SILVA] A MESMA FRASE QUE EU FALEI: A POLÍCIA ME FERIU, MAS A JUSTIÇA DESTROÇA A GENTE, DESTROÇA PELO TEMPO E PELA FORMA COM QUE AGE

Em abril, a Justiça paulista negou indenização a Sérgio Silva, outro repórter fotográfico atingido por bala de borracha

© ARQUIVO PESSOAL

O DNA dele não nega...

AS: Não nega. E tem outra, estamos falando de uma questão onde ele manda no secretário, que manda no comandante, que manda no oficial, que manda no sargento, que manda no cabo, que manda no polícia que vai lá dar o tiro. Então, usando um pouco da resposta anterior sobre o valor da indenização, eu explico aqui: se não incomodar, isso não vai mudar. É por isso que a indenização tem que ser relevante.

Se não mexer no orçamento, isso não vai mudar.

AS: E só pra deixar claro, eu posso até estar muito errado, mas se não me engano ele se formou na escola de engenharia do Exército no ano de 2003 [Tarcísio formou-se engenheiro civil em 2002 pelo Instituto Militar de Engenharia (IME)], ou seja, eu estou esperando há mais tempo do que ele tem de formado. Então, é óbvio que a gente tem que cobrar, inclusive do Supremo, que essa jurisprudência que definiram seja válida, seja cobrada e que seja respeitada...

Respeitada no caso do Sérgio, né?

AS: Claro, não só no caso do Sérgio, mas, que Deus nos livre, em outra situação que acontecer. Porque, como eu disse já há muito tempo, até antes da definição de valores, se o valor não fosse relevante não ia servir de nada. Dá um tiro em todo mundo e deixa tocar, que daqui a 20 anos você vai ali e paga uma merreca pra ele e pronto.

Com essa demora toda para o pagamento, como você se virou? Conta também um pouco dos trabalhos que você veio a fazer, com as dificuldades da sua nova situação física e o fato de não ter mais o dinheiro do salário, do trabalho fixo que tinha. Conta um pouco desse lado mais pessoal seu, que a gente falou até aqui do lado político.

AS: Tem que realmente levar em conta, eu saí em 2003 da *Folha de S.Paulo*. Vamos deixar claro, eu saí porque existia dentro da *Folha*, após o meu retorno ao trabalho, um direcionamento, que hoje em dia eu vejo como muito justo, de que me colocassem única e exclusivamente [em pautas] que não viessem a me trazer nenhum tipo de risco. Na época eu fiquei revoltadíssimo, mas hoje em dia eu entendo. Porque, poxa, “já aconteceu isso com o cara, vamos mandar ele de novo pra uma outra situação?”

Ah, não dava.

AS: Não, não dava. Então, hoje eu compreendo isso. Mas isso me causou certos danos psicológicos, porque eu me preparei com educação, com estudo, batalhei muito para estudar e para fazer certos tipos de coisas que eram o que me inspiravam. Eu não sou fotógrafo pelo dinheiro, eu sou fotógrafo pela inspiração de fazer, pelo amor de fazer o que eu faço. Então, quando isso aconteceu eu pedi pra sair da *Folha*, entramos em um acordo e eles me mandaram embora, eu recebi a rescisão. Saí extremamente bem com eles, não tenho um A para falar deles. Quando isso aconteceu eu parei e pensei muito na minha vida, falei: a minha vida mudou inteira, então o que eu tenho que fazer? Eu vou precisar trabalhar, óbvio, porque esse processo é a perder de vista, isso lá em 2003. Então, o que eu vou fazer? Eu tinha duas opções, uma era continuar fotografando, a segunda, aprender outra coisa. E aí, sem visão, vai adiantar eu querer ser advogado? Não vai. Vai adiantar eu querer ser dentista, como meu pai? Também não vai. Médico? Não posso ser. Engenheiro? Até posso, mas, para pra pensar, a dificuldade é a mesma. Então eu resolvi me adaptar no que eu já sabia fazer, em vez de mudar totalmente de carreira. Como eu não sou casado, não tinha filhos, pensei comigo mesmo: o que sempre foi o meu sonho, o que sempre foi minha vontade de fazer? Sempre foi natureza, meio ambiente. E mudei pra Amazônia. Escolhi um estado, fiz uma pesquisa de mercado muito Alex Silveira de pensar, achei um lugar que eu entendia, na época, dentro dos meus acessos de conhecimento, que não tinha uma fotografia expressiva, e fui para o Amapá. Aí passei 12 anos direto no Amapá, trabalhando lá, graças a Deus, eu consegui me adaptar. E, volto a dizer, a adaptação não é um mérito, como o estado de São Paulo quis argumentar, ao longo do processo, de que, como eu estava trabalhando, não era justo receber a indenização [a primeira decisão judicial em São Paulo foi a de que Alex não precisaria receber indenização porque continuava trabalhando].

Argumento completamente errado.

AS: Eu continuei a trabalhar porque eu tinha o mérito de não me entregar.

Campanha dos Fotógrafos pela Democracia, reivindicando justiça para Alex, reuniu imagens de diversas pessoas com tapa-olho

© REPRODUÇÃO

Claro.

AS: E assim, ao longo desse período, como todo mundo, tive dificuldades. Nunca mais fui contratado. Graças a Deus eu tive pai e mãe que tinham alguma condição, que não é muita, mas puderam me ajudar. Eu sou uma pessoa muito simples.

Você nasceu onde?

AS: Em Santo André. Fui criado em Minas, meus pais são mineiros, mas eu sou de Santo André. Eu acho que a adaptação, o não me entregar, não parar, ficar chorando e começar, e aprender com os erros e acertos. Porque hoje em dia eu estou conversando com você e não enxergo o teu rosto, eu não sei se você está de olho aberto ou fechado. Eu não consigo, se eu passar na rua do teu lado, provavelmente vou passar direto, só vou olhar se você falar “Alex”, porque do contrário...

Você não vai reconhecer.

AS: E essa é a minha vida. Eu fotografo hoje em dia sem enxergar a informação dentro do visor. Aí você vai falar: “como faz isso?” A gente se adapta. O tempo, a tentativa e erro, você vai se adaptando. Com muita humildade, eu digo, não é assim tão ruim [meu trabalho], é razoável, é honesto, pelo menos. E eu consegui achar um mercado que eu conseguisse fazer umas coisinhas e ter o meu espaço. Agora, se eu não fizesse isso, eu tava muito ferrado, tava muito lascado, porque são 23 anos...

É uma vida, né.

AS: É, 23 anos dá pra alguém se formar na faculdade, dá pra você ter um filho, criar o filho...

Mas ainda bem que estamos aqui. Você deu a volta por cima, foi vitorioso, e esperamos mesmo que essa jurisprudência seja aplicada a todos.

AS: Claro, e já que tenho essa oportuni-



“

TENHO GRATIDÃO IMENSA POR TODO MUNDO QUE ME AJUDOU, GENTE QUE EU CONHEÇO, GENTE QUE EU NÃO CONHEÇO, INSTITUIÇÕES QUE MUITAS VEZES NÃO TÊM NEM CONEXÃO COM A NOSSA PROFISSÃO, MAS ENTENDERAM QUE ERA IMPORTANTE

de, acho que é importante falar, eu tenho uma gratidão imensa por todo mundo que me ajudou ao longo desse período, gente que eu conheço, gente que eu não conheço, instituições que muitas vezes não têm nem conexão com a nossa profissão, mas que entenderam que isso era importante. E eu peço de coração que todo mundo consiga enxergar isso e refletir sobre o Sérgio. Porque o Sérgio é o próximo da fila. Fazer valer uma coisa que, por si só teria de valer, que é a jurisprudência, dada pelo Supremo Tribunal Federal.

Tem de ser respeitada, no Brasil inteiro, não só no estado de São Paulo, porque o Supremo deu decisão favorável a você, então se acontecer com um fotógrafo na Bahia, por exemplo, é a mesma coisa, tem de ser aceita a jurisprudência. Essa é a nossa luta.

AS: É federal! Agora, a última coisa que eu quero falar sobre o tal do nexo causal. Eu gostaria que esse juiz olhasse as notícias de 2019 no Chile, para ver o que o nexo causal dele fez com mais de 300 pessoas. Se ele conseguir conectar o tal do nexo causal, teria vergonha de ter dado essa decisão pro Sérgio. É só isso.

Alex, super obrigada por ter vindo aqui ao Sindicato. Você quer deixar algum recado?

AS: Existe hoje em dia uma ONG, de que faz parte inclusive uma das advogadas que trabalharam no meu caso, chamada Torna Voz. Essa organização é exatamente para dar assistência jurídica aos advogados que de alguma forma protejam jornalistas, fotógrafos e comunicadores. O Instagram deles é @tornavoz. ●

(* *Trata-se da relação entre intenção e produto de um ato. No direito, o nexo causal é o que vincula as condutas praticadas com a consumação do crime.*

HOMENAGEM

ENNIO
BRAUNS,
PRESENTE!

Repórter fotográfico, que dedicou seu talento ao trabalho de documentação de movimentos sociais, sindicais e artísticos, faleceu aos 69 anos

por Pedro Pomar

O repórter fotográfico Ennio Brauns, largamente estimado dentro e fora da nossa categoria, faleceu no dia 24 de junho, aos 69 anos de idade, vítima de sucessivos ataques cardíacos. Como profissional, Ennio Frederico Brauns Filho notabilizou-se por registrar a história de diferentes movimentos sociais e sindicais, a partir de um ponto de vista engajado e protagonista. Documentou, igualmente, a longa trajetória do Teatro Oficina.

Durante a ditadura militar, Ennio atuou no jornal alternativo *Em Tempo*. Na mídia tradicional, a partir dos anos 1980, trabalhou como freelancer no *Diário Popular* e na *Folha de S.Paulo*. Nos últimos tempos, vinha colaborando com a Fundação Perseu Abramo (FPA), do Partido dos Trabalhadores, para a qual organizou duas importantes publicações, os livros *Máquinas Paradas, Fotógrafos em Ação* (2017), com Adilson Ruiz, e *Movimento Negro Unificado - a Resistência nas Ruas* (2020), com Gevanilda Gomes dos Santos e José Adão de Oliveira.

“Além destes livros, Ennio colaborou com outras publicações da FPA. Parte de seu acervo fotográfico está disponível no Centro Sérgio Buarque de Holanda (CSBH). Obrigado, camarada Ennio, pela companhia e dedicação aos registros fotográficos de tantos momentos históricos das lutas populares”, escreveu Rogério Chaves, editor do setor de publicações da fundação.

Ele também dirigiu, ao lado de Jonathan Constantino, o documentário *Que Povo é Esse?*, sobre a temática da moradia popular, elaborado a partir de depoimentos de participantes das ocupações organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e por outros grupos em São Bernardo do Campo e São Paulo.

“Ennio participou da ‘Confraria dos Poetas Vermelhos’, coletivo de poetas,



© ARQUIVO PESSOAL

Além dos registros fotográficos de lutas populares, dedicou-se à organização de livros e foi codiretor de documentário

ENNIO ATUOU NA IMPRENSA ALTERNATIVA DURANTE A DITADURA, TRABALHOU COMO FREELANCER NA MÍDIA TRADICIONAL E ULTIMAMENTE COLABORAVA COM A FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

fotógrafos, artistas plásticos e cineastas organizado por Alípio Freire e que ocorria no ‘Ateliê XXII’. Nessa época surgiu a proposta de produzirmos um documentário sobre a experiência do acampamento ‘Povo sem medo’ que ocorria em São Bernardo do Campo, num terreno que ficava de frente para a fábrica da Scania, palco do primeiro foco de greve dos metalúrgicos, em 1978”, relata Jonathan.

“As gravações se iniciaram em dezembro de 2017, a ideia amadureceu e o projeto se tornou uma série documental em cinco episódios que aborda a questão da moradia de forma mais ampla. *Que Povo é Esse?*, cuja direção foi do Ennio, foi finalizada em 2023 e exibida pela TVT em março deste ano”. Além disso, participou desde o início da construção do Instituto Estação Paraíso, fundado para dar sequência às ideias e produções do jornalista e artista plástico Alípio Freire.

Foco nos movimentos

Outro amigo pessoal de Ennio, o repórter fotográfico Jesus Carlos foi um de seus mais importantes parceiros de trabalho. “Conheci o Ennio em 1978, no jornal *Em Tempo*. Ele tinha acabado de chegar do Rio de Janeiro. Como o *Em Tempo* era voltado para a luta contra a ditadura, portanto suas matérias eram relacionadas principalmente à luta dos trabalhadores e do povo em geral, a maioria das pautas que cobríamos eram ligadas ao movimento social”, conta.

“Uma vez o Ennio chegou a comentar que a sua lente sempre foi e sempre iria ser voltada para os movimentos sociais. E foi justamente nesse ambiente que ele aprendeu a trabalhar, a saber o que era uma fotografia, que lente usar e quando usar, porque foi nas greves, nas grandes assembleias, nas manifestações de rua que ele entendeu o que era a fotografia e a importância dela”, descreve Jesus Carlos.

“Dos anos 90 para cá, ele começou a trabalhar a sua fotografia voltada para os movimentos de minorias, tendo como foco principal a questão de gênero”. Passou então a fotografar as paradas gay. “Pessoas LGBTQI+ vêm transformando a paisagem, as consciências e os direitos fundamentais de todos nós, cada vez mais. Aqui, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros manifestando seus afetos, direitos e orgulhos”, anotaria, mais tarde, o próprio Ennio.

A partir de 2011 ou 2012, destaca Jesus Carlos, Ennio passou a se envolver com o que chamava de produção cultural. “Falava que publicar somente foto era uma coisa muito passageira, e a melhor forma de perpetuar a fotografia seria fazer publicações independentes: um livro, uma revista ou um documentário. Foi nesse processo que o Ennio, conversando com o

Adilson Ruiz, com um grupo de fotógrafos, inclusive comigo, e com a FPA, viu a possibilidade de se publicar um livro que fosse um registro das greves e dos movimentos do final dos anos 70 e início dos anos 80 no ABC”.

Começou aí, prossegue, um esforço de contatar os profissionais que haviam fotografado os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e suas lutas por melhores condições de vida e trabalho, do qual surgiria a obra *Máquinas Paradas, Fotógrafos em Ação*. “Ennio conseguiu reunir dez fotógrafos, e ele e Adilson, a partir de um roteiro, montaram o livro que hoje é talvez o documento fotográfico mais importante do que foi o ABC durante as greves dos metalúrgicos”.

Em seguida, Ennio, a Fundação Soweto e a FPA resolveram produzir um livro relacionado à questão do movimento negro. “Juntamos um grupo de pessoas, abrimos contato com fotógrafos que tinham imagens relacionadas, e surgiu o livro *Movimento Negro Unificado - a Resistência nas Ruas*. Uma bela publicação, que justamente aos 40 anos da fundação do MNU se torna uma referência iconográfica”, diz Jesus Carlos.

Depois, novamente com a participação de um grupo de amigos, Ennio dará forma a projetos audiovisuais, sendo o primeiro deles a série documental *Que Povo é Esse?*. Por fim, Jesus Carlos assinala o papel do amigo na fundação da União de Fotógrafos de São Paulo e da Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo (Arfoc-SP).

Na página pessoal de Ennio na internet encontramos uma explicação surpreendente para sua motivação profissional. “Uma boa parte da minha relação com o teatro passa pelo Oficina. Aliás foi fotografando teatro que entendi a necessidade do fotojornalismo”, revelou, no texto de apoio da seção dedicada à casa teatral de José Celso Martinez.

“Dos encontros esporádicos com o Oficina dos anos 80 saíram a documentação do espaço antigo sendo demolido e transformado, os ensaios e as apresentações de *Onde Estás?* de Breno Moroni, as cirandas do Surubim, os circenses na rua de Verônica Tamaoki. Documentos de uma época de resistência cultural ampla e irrestrita”.

FOTOFORNALISMO

A PESSOA NAQUELE DIA: TROMBADAS

fotos Christian Carvalho Cruz

Christian Carvalho Cruz tem 48 anos, é pai da Luiza e do Miguel, e filho da dona Vera e do seu Francisco. Jornalista com quase 30 anos de experiência, tem passagens pelos jornais *Estadão* e *Folha de S.Paulo*, editora Abril, pelas revistas *IstoÉ Dinheiro*, *Placar*, *Quatro Rodas*, *Revista da Semana* e pelo site *pele.net*. É também autor do livro *Entretanto, foi assim que aconteceu*, publicado em 2012.

Nascido e criado no Jaçanã, bairro da zona norte de São Paulo, Christian se dedica desde fevereiro de 2021 à coluna *Trombadas*, do portal UOL, espaço no qual escreve sobre pessoas comuns, com uma particularidade que é cada vez mais rara nos dias de hoje: textos longos e cheios de histórias interessantes.

Sua inspiração é sua origem, na vizinhança onde cresceu, e a figura de seu pai, que o levava para o trabalho em uma padaria quando era criança. Foi essa vivência que o levou a escrever. “Minha verdadeira inspiração é o bairro Jaçanã, em tudo o que escrevo. Sempre gostei muito de ouvir as histórias das pessoas comuns, de gente simples, que batalha e corre atrás, cada um com seus sonhos”, comenta.

Em um de seus textos, Christian afirma que o *Trombadas* é um projeto que nasceu do seu “desencanto com o jornalismo brasileiro” e que ele “manteve aceso o lume de um jeito seu de estar na vida, escrevendo”. “Em 2023, completo 30 anos de jornalismo. Tenho muito orgulho da trajetória que tracei. Fui ser jornalista para escrever, essa é minha primeira ligação com o jornalismo. Fui ser jornalista porque era o lugar onde eu podia ganhar a vida escrevendo, meu jeito de estar no mundo”.

Texto: Cadu Bazilevski



Em busca de algo que o deixasse feliz, logo pensou: preciso desanuviar. Foi quando decidiu fotografar. Como gostava de frequentar o centro de São Paulo, passou a registrar seus personagens. “Escrevo do jeito que as pessoas falam para transmitir o máximo. Acredito que esta seja a maior dificuldade. A gente nunca consegue transmitir exatamente o que sente, o que a gente ouve na totalidade. É impossível, na intensidade. E com o *Trombadas* eu chego mais perto disso”, afirma.





“O Trombadas me satisfaz porque posso fotografar, que é uma coisa de que sempre gostei. Nunca fotografei profissionalmente. Sempre fui fotógrafo amador, no sentido literário. Como há ligação da escrita com a fotografia, estou lá para ouvir a história das pessoas e para contá-las. E isso tem a ver com a fotografia, o retrato. Já refleti bastante sobre isso: você não sabe muito da pessoa, mas ao mesmo tempo tenta revelar um pouco dela. A pessoa naquele dia e naquele instante”.



“O Trombadas não é jornalismo, mas contém jornalismo. É uma abordagem diferente, e eu tenho certas liberdades que não posso tomar no jornalismo. Vai para o papel tudo o que a pessoa me conta. Como se fosse um retrato por escrito. É o que a pessoa quer me contar naquele dia, naquela hora”.



CULTURA

MILTON BELLINTANI: A BIBLIOTECA DOS JORNALISTAS

Inaugurada em abril, na festa de aniversário dos 86 anos do SJSP, a biblioteca recebeu muitas doações de autores jornalistas e de algumas editoras

por João Marques



© JULIANA ALMEIDA



© EDUARDO VINÉ BOLDT

Prossegue o trabalho de catalogação dos livros (ao lado). Na semana da inauguração (acima), chegaram mais de 600 exemplares de obras escritas por pessoas da categoria

Foi inaugurada oficialmente em 13 de abril a Biblioteca Milton Bellintani, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP). O evento marcou a comemoração de 86 anos de fundação da entidade.

A organização dos livros do SJSP para montar a biblioteca começou antes da pandemia. O Sindicato contratou a assessoria especializada de um bibliotecário, que fez a proposta de organização, e um estagiário em Biblioteconomia. Dessa forma, teve início a catalogação de todos os exemplares acumulados durante sua história e espalhados pela sede. Em seguida, seria lançada uma campanha para arrecadar fundos para este projeto e também para um centro de memória, que, antes mesmo de ser iniciada, foi suspensa em virtude da quarentena.

A campanha de arrecadação não aconteceu, mas a catalogação dos livros foi retomada. Até o início deste ano, totalizou 1.811 exemplares, com 1.574 títulos cadastrados, e a biblioteca, finalmente, pôde ser inaugurada. No dia da festa e durante toda aquela semana, depois de campanha para doação, recebemos mais de 600 exemplares de livros escritos por jornalistas, cedidos pelos próprios autores ou por editoras como Alameda, Arquipélagos, Companhia das Letras e Papagaio.

Além dessas doações, os livros da biblioteca da Associação Paulista dos

Jornalistas Veteranos (Ajaesp) também foram incorporados ao acervo da Milton Bellintani. Com mais de 500 títulos, a coleção tem algumas preciosidades, como um exemplar autografado por Vinicius de Moraes. Trata-se de uma antologia poética doada à associação pela companheira Tellé Cardim, a “Telezinha”, como está escrito na dedicatória, tratamento que confere autenticidade ao volume — Vinicius tinha o hábito de chamar as pessoas mais próximas pelo diminutivo.

Recebemos também como doação parte da biblioteca pessoal do presidente da Ajaesp, Amadeu Mémolo, com cerca de 500 livros. Agora, com mais de 1.600 novos exemplares para serem catalogados, começa a segunda etapa da organização do acervo, ainda sob a supervisão do bibliotecário que assessoria o SJSP e a atividade de uma nova estagiária em Biblioteconomia.

Acervo da biblioteca

O acervo da Biblioteca Milton Bellintani reúne prioritariamente obras sobre Jornalismo, Fotografia, Rádio, Televisão, Humor, Artes Gráficas, História, Movimento Sindical e Popular, Direitos e Legislação Trabalhista, e obras literárias de interesse. Há também a seção “Livros de Autoria de Jornalistas”, independentemente do gênero, e a de “Publicações sobre a Ditadura Militar (1964-1985)”. O perfil do acervo será objeto de debates

periódicos visando ao seu aprimoramento, e orientará as políticas de aquisições e recebimento de doações.

A biblioteca pretende dar suporte, na medida de suas possibilidades, ao ensino-aprendizagem, à pesquisa científica, à extensão ou à fruição da literatura, auxiliando no trabalho de preservação da memória do SJSP e da Federação Nacional dos Jornalistas. Destina-se, fundamen-

almente, a estimular o interesse de jornalistas e estudantes de jornalismo pela leitura de livros e de outras publicações de qualidade — de caráter científico, técnico, artístico ou ficcional literário — e que sejam capazes de enriquecer o repertório cultural da nossa categoria profissional.

Jornalistas sindicalizados(as), estudantes pré-sindicalizados(as), funcionárias e funcionários do Sindicato têm direito ao empréstimo domiciliar. O público em geral poderá consultar e pesquisar o acervo nas dependências da biblioteca e do auditório Vladimir Herzog. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 10 às 17 horas.

O nome da biblioteca presta homenagem ao jornalista e professor Milton Bellintani, que atuou e militou pelos direitos humanos, por mais de 30 anos, com o foco na verdade, memória e justiça, e foi diretor do Núcleo de Preservação da Memória Política. Bellintani coordenou a Comissão da Verdade e Justiça do SJSP e faleceu em 2015, antes de ver concluída a publicação do relatório. Entre as recomendações do documento, havia um destaque: “Iniciar a montagem de uma biblioteca na sede da entidade com todos os livros de referência sobre o período, escritos por jornalistas ou que tenham o jornalismo como objeto de estudo durante a ditadura”. Grande parte dos títulos sobre direitos humanos da nossa biblioteca veio da coleção particular de Bellintani.

Centro de Memória

A biblioteca é o primeiro passo para a constituição de um Centro de Documentação e Memória do SJSP, organizando e disponibilizando os materiais referentes à sua história de lutas sindicais, sociais democráticas. Entre os seus objetivos, está o de resgatar a história do jornal *Unidade*, do boletim *Mural* e de outras publicações, e catalogar os diversos documentos e objetos históricos.

Em 1997, quando o Sindicato completou 60 anos, foi publicado um livro, organizado pelo jornalista José Hamilton Ribeiro, contando a história da entidade. Para a produção desse livro, foram consultados e arquivados diversos documentos históricos. A organização do Centro de Memória deverá começar por esse arquivo.

Foi criada também a Comissão do Livro e Leitura do SJSP. De responsabilidade da Secretaria de Comunicação e Cultura e aberta à categoria, tem como funções coordenar o funcionamento da biblioteca e supervisionar a política de empréstimos; além de discutir e implementar, com a Secretaria de Formação Sindical e Profissional, lançamentos de livros, debates com autoras e autores e outras atividades ligadas à promoção da leitura, da literatura, do trabalho jornalístico e da cultura. Para integrar essa comissão, basta enviar mensagem para o Paulo Zocchi (11) 98858-9739 ou o João Marques (11) 99191-7930. ●

**JORNALISTAS
SINDICALIZADOS(AS),
ESTUDANTES PRÉ-
SINDICALIZADOS(AS),
FUNCIONÁRIAS E
FUNCIONÁRIOS DO
SINDICATO TÊM DIREITO AO
EMPRÉSTIMO DOMICILIAR
DAS OBRAS DO ACERVO**

TRIBUTO

JORNALISMO PERDE PAULO CARUSO

Um dos principais nomes do cartum e da charge no Brasil, teve trajetória brilhante em mais de 50 anos de carreira

por Paulo Zocchi

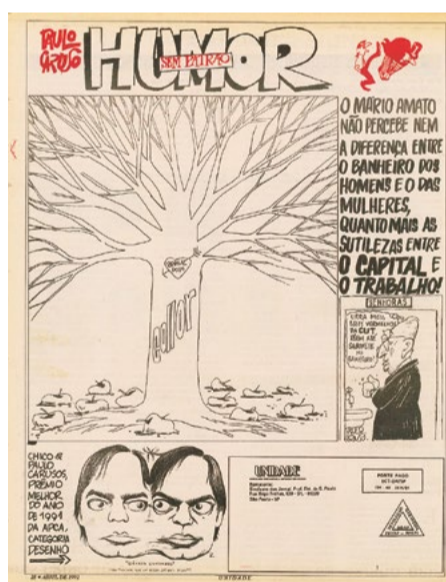
“N ão fazemos humor simplesmente para divertir as pessoas, mas para promover a transformação delas, ao refletirem sobre o que desenhamos ou escrevemos”, afirmou em entrevista, há mais de 20 anos, o cartunista Paulo Caruso, que nos deixou em março. A frase é uma espécie de resumo de sua obra, que engrandeceu a atividade da imprensa em nosso país. Um dos maiores nomes do cartum e da charge no jornalismo brasileiro, Caruso era dono de um traço preciso e de um apurado senso crítico.

Paulo José Hespanha Caruso protagonizou uma trajetória brilhante em mais de 50 anos de carreira em alguns dos principais veículos da imprensa brasileira, incluindo a original atuação semanal no programa jornalístico *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, no qual retratava entrevistados (e entrevistadores) com frases lapidares ou argutas observações suas durante o próprio desenrolar da entrevista. Era uma atração à parte.

Iniciou sua atividade no *Diário Popular*, no final dos anos 1960, ainda bem jovem, passou pela imprensa alternativa, como os jornais *Pasquim* e *Movimento*, e trabalhou nas redações da *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, *IstoÉ*, *Caretta* e *Senhor*. Colaborou também com revistas do segmento de



Nas páginas do *Unidade*, em um espaço intitulado “Humor sem patrão”, ou em cartazes de eventos, entre outros trabalhos, Paulo Caruso colaborou estreitamente com o nosso Sindicato, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990



Charge alusiva à descoberta de depósitos em contas de paraísos fiscais gerenciadas por PC Farias, auxiliar de Fernando Collor (anos 1990)

quadrinhos, entre as quais *Circo* e *Chiclete com Banana*, e publicou parte de sua obra em livros (veja a lista no box). Recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira, incluindo o da Associação Paulista dos Críticos de Artes (APCA), o do Salão de Humor de Piracicaba, o HQ Mix e o Angelo Agostini.

Gêmeo univetelino do também cartunista de destaque Chico Caruso, Paulo

nasceu em 6 de dezembro de 1949 e morreu em 4 de março último, aos 73 anos.

Paulo Caruso colaborou estreitamente com o nosso Sindicato, sobretudo nos anos 1980 e 1990. Nestas páginas, compartilhamos um pouco de seu trabalho desenvolvido para o Sindicato, no espaço nomeado “Humor sem patrão”, além de cartazes e quadrinhos publicados na imprensa.

Paulo Caruso em livros

- As Origens do Capitão Bandeira (1983)
- Ecos do Ipiranga (1984)
- Bar Brasil (com Alex Solnik, 1985)
- As Mil e Uma Noites (1985, reedição 2007)
- Bar Brasil na Nova República (1986)
- Avenida Brasil – “A Transição Pela Via das Dúvidas” (1989)
- Avenida Brasil – “A Sucessão está nas Ruas” (1990)
- Avenida Brasil – “O Bonde da História” (1991)
- Avenida Brasil – “Assim Caminha a Humanidade” (1992)
- Avenida Brasil – “Se Meu Fusca Falasse” (1993)
- Avenida Brasil – “O Circo do Poder” (1994)
- Avenida Brasil – “Conjunto Nacional” (1996)
- Avenida Brasil – “Se meu Rolls-Royce Falasse” (2006)
- Avenida Brasil – “Enfim um País Sério” (2010)
- São Paulo por Paulo Caruso (2004)
- Desenhando Longe – Cadernos de Viagem – EUA Copa 94 (2014)

BOLETIM

Congresso Estadual

O SJSP convoca toda a categoria a participar do 16º Congresso Estadual dos Jornalistas, que terá como tema central o papel da nossa profissão a partir das novas tecnologias e relações de trabalho. O Congresso acontecerá nos dias 4, 5 e 6 de agosto no auditório do Sindicato, na cidade de São Paulo, e contará com uma série de discussões a respeito de questões centrais para a nossa profissão, como a crise das empresas tradicionais de comunicação, as novas plataformas de conteúdo e novos sistemas, além da luta contra o assédio e a deterioração da saúde mental nos locais de trabalho.

📍 <https://bit.ly/3IU8tRs>

Campanha salarial na capital...

Com a chegada da data-base, no mês de junho, o Sindicato dos Jornalistas e as empresas do segmento de jornais e revistas da capital negociam a renovação da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), documento que regulamenta as relações trabalhistas e conta com cláusulas econômicas e sociais. A reivindicação apresentada ao sindicato patronal é de reajuste pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que atingiu 3,74%, mais aumento real de 3%.

📍 <https://bit.ly/3CaYDaa>

... e no interior, litoral e Grande SP

Jornalistas que trabalham nas empresas de jornais e revistas do interior, litoral e Grande SP aprovaram a pauta da Campanha Salarial 2023, relativa ao período de 1º de junho de 2022 a 31 de maio de 2023. O SindJori, sindicato patronal do segmento, recebeu o documento com as reivindicações. A data-base é 1º de junho e a categoria está sem reajuste salarial desde setembro de 2021 e sem Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) porque o SindJori se negou a negociar com o SJSP a campanha salarial relativa ao período de 1º de junho de 2021 a 31 de maio de 2022.

📍 <https://bit.ly/3WslRNw>

Bolsonaro condenado

O ex-presidente Jair Bolsonaro foi condenado em segunda instância por ataques a jornalistas. O processo foi movido pelo SJSP por dano moral coletivo à categoria. O Departamento Jurídico do Sindicato tomou como base levantamentos da Fenaj, a qual registrou 175 ataques à imprensa por parte de Bolsonaro só em 2020, da organização Repórteres sem Fronteiras (RSF), que mapeou 103 insultos contra jornalistas no mesmo ano, além da ONG internacional Artigo 19 e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert).

📍 <https://bit.ly/3qtkxCX>

RESENHA

Rafael Gallo cria protagonista surpreendente

por João Marques

No ensaio *A Personagem do Romance*, Antonio Candido cita E.M. Forster e descreve as duas categorias de personagens identificadas pelo escritor e crítico literário inglês: esféricas, que têm a habilidade de surpreender o leitor de maneira convincente, e planas, que não surpreendem e se, por acaso, conseguem, não convencem, são as planas com pretensão a esféricas. O protagonista do novo romance de Rafael Gallo, *Dor Fantasma* (Biblioteca Azul, 352 págs.), livro vencedor do Prêmio José Saramago, leva essa regra ao limite, é superesférico, surpreende o tempo todo e sempre convence. Sua narrativa em terceira pessoa, focalizada no protagonista, permite ao leitor conhecer a intimidade do personagem. Criando estranhas empatias e já conhecendo a figura, podemos imaginar qual será a sua reação frente aos acontecimentos da história — que muitas vezes ele entende como sendo provocação. O leitor pode se revoltar, julgar e até condenar o protagonista, mas, certamente, irá se esforçar para entender os seus motivos.

Dividido em quatro partes *Coda*, *Exposição*, *Desenvolvimento* e *Cadenza* — termos emprestados da música —, o romance conta a história de Rômulo Castelo, pianista virtuoso, professor de uma universidade pública e filho de um respeitado maestro, já fora de cena, de quem herdou

a disciplina: “O relógio marca 6h40, sempre 6h40, da cama ao piano, 120 BPM no peito, 120 BPM no metrônomo”. Todas as manhãs, ao acordar, se fecha na sua sala de estudos e busca a perfeição; ensaia obsessivamente *Rondeau Fantastique*, conhecida como a peça intocável de Franz Liszt. Vai apresentá-la numa turnê pela Europa, quando pretende ser reconhecido como o maior intérprete do compositor húngaro. Mas um acidente muda seus planos: atropelado por uma motocicleta, perde a mão direita. Amputado, sente a dor no membro perdido — daí o título do livro —, não aceita a realidade e busca uma prótese que lhe permita continuar tocando. Briga com o mundo, destrata todas as pessoas próximas, a mulher, o filho que nasceu com uma deficiência, os colegas da universidade e os alunos. Uma cena de violência contra uma aluna é gravada, o vídeo viraliza e Rômulo também se torna vítima de cancelamento; mas nunca perde a pose.

“*Nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance. Agora é esperar os pontos cicatrizarem, esses hematomas no coto desincharem. E pensarmos na reabilitação, o médico responde. O silêncio no quarto não é de alento. Até o nome da ferida — coto — soa vulgar. A derrocada é também estética.*”

Rafael Gallo nasceu em São Paulo, em 1981, tem formação em música, conhece bem o universo retratado em *Dor Fantasma*. Também é autor de *Rebentar*, publicado em 2015, romance que ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura e conta a história de Ângela, mãe que há trinta anos procura um filho desaparecido. Sua estreia na literatura foi com a coletânea de contos *Réveillon e Outros Dias*, em 2012, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. ●

DICAS DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

por Cineclube Vladimir Herzog

Güeros

Alonso Ruizpalacios (México, 2014)

Homenagem à Nouvelle Vague; três jovens circulam pela Cidade do México, resolvem visitar um antigo astro do rock e descobrem que ele está morrendo sozinho, em um leito de hospital.

📍 Netflix

Gaslit

Robbie Pickering (EUA, 2022)

Protagonizada por Julia Roberts e Sean Penn, série apresenta interpretação moderna do caso Watergate e traz histórias não contadas do escândalo político dos anos 1970, nos Estados Unidos.

📍 Prime Video

A Ilha de Bergman

Mia Hansen-Løve (Suécia, 2021)

Em ato de peregrinação, misturando passado e presente, casal de cineastas, Chris e Tony Sanders, viaja para Fårö, onde Ingmar Bergman viveu, a fim de buscar inspiração para seus roteiros.

📍 MUBI

O Alfaiate

Graham Moore (Reino Unido, EUA, 2022)

Como uma peça de teatro, filme se passa dentro de uma alfaiataria; alfaiate inglês, dono de uma loja num bairro de Chicago, controlado pela máfia, se vê numa trama entre a organização e a polícia.

📍 Telecine

DICAS DE LEITURA

A Cabeça do Pai

Denise Sant'Anna

Todavia, 128 págs.

Pai idoso, exausto de cuidar da esposa com Alzheimer, sofre um AVC; historiadora estreia na ficção com romance que reflete sobre a fragilidade humana e a capacidade de contar histórias.

Meu Irmão, Eu Mesmo

João Silvério Trevisan

Alfaguara, 256 págs.

Em romance autobiográfico, escritor infectado pelo vírus HIV, em 1992, fala da perda e aborda a intensa amizade com irmão mais novo, morto aos 48 anos, vítima de um câncer linfático.

Volto Semana que Vem

Maria Regina Pilla

Ama, 128 págs.

“Volto semana que vem” é o que a narradora diz ao pai ao sair de casa, num dia de 1970; composto por recortes, livro é um documento sobre os tempos da ditadura, além de um inventário de memórias.

Um Céu Implacável

João Anzanello Carrascoza

Alfaguara, 384 págs.

Pai tardio, homem chega aos sessenta anos, confinado e distante das pessoas que ama, sente que não será capaz de acompanhar as conquistas dos filhos e, pela primeira vez, encara a solidão na velhice.

Caminhando com os Mortos

Micheline Verunsch

Companhia das Letras, 144 págs.

Crime choca moradores de uma pequena cidade; novo romance da autora de *O Som do Rugido da Onça*, vencedor do Jabuti, fala das consequências perversas da intolerância e doutrinação religiosas.

© DIVULGAÇÃO



Documentário *extremistas.br* aborda atividades políticas no Brasil que levaram a atos antidemocráticos

extremistas.br

Caio Cavechini (Brasil, 2023)

Série em oito episódios acompanha políticos, influenciadores e militantes arrependidos, para mostrar como a radicalização sequestrou o debate público no Brasil, culminando nos atos antidemocráticos.

📍 Globoplay

MEMÓRIA



Jair manifesta-se durante ato na USP em repúdio ao massacre de Eldorado dos Carajás (1996).

© DANIEL GARCIA/ADUSP

Jair Borin e suas “múltiplas vidas”

por Pedro Pomar

Jair Borin nos deixou precocemente, aos 61 anos de idade, em 22 de abril de 2003. Decorridos vinte anos de sua morte, cabe lembrar sua figura singular, que hoje estaria na contramão do tipo de profissional idealizado ou prescrito por certos códigos (escritos ou não) de “boas práticas” jornalísticas, vinculados a uma concepção liberal de “isenção” e de “objetividade”. Para nossa sorte, Jair viveu intensamente e deixou sua marca pessoal como jornalista, como professor e pesquisador universitário, como militante de esquerda – dirigente sindical, ativista da reforma agrária. E até como militar, pois na sua juventude foi sargento da Aeronáutica, mecânico de voo.

Como destacou o professor Wilson Bueno (USP), Jair teve a capacidade de desempenhar simultaneamente diversos papéis (“múltiplas vidas”) e tornar-se referência em todos. Um deles diz respeito à resistência ao golpe de 1964 e à ditadura militar. Em 1963 ele ligou-se por algum tempo ao pequeno Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT), e envolveu-se ativamente com o movimento nacional de sargentos nacionalistas e de esquerda, causa provável de sua expulsão, ainda naquele ano, da Aeronáutica, cujo alto comando participava da conspiração golpista então em andamento.

Sua primeira prisão ocorreu em novembro de 1964, em Recife, quando se dedicava à “aliança de operários e camponeses com soldados e estudantes”, contou o professor Tullo Vigevani (Unesp). Seria libertado em setembro de 1965, por *habeas-corpus*.

A segunda prisão de Jair, a pedido do então II Exército, aconteceu em março de 1974, quando já se tornara jornalista e, desde 1971, professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Segundo seu próprio relato, sua detenção “por dois agentes armados” deu-se num corredor da escola,

quando chegava para dar aula, e em seguida “fui conduzido ao DOI-Codi e recolhido a uma cela da tristemente célebre delegacia da rua Tutóia, onde todos os presos políticos eram torturados”. Tratava-se de um processo judicial contra o PORT, iniciado em 1965. Foi solto em dezembro de 1975.

Nesse período, chegou a ser demitido pela USP (!) e só recontratado em 1980. Seguiu em frente na carreira, chegou a “professor titular” e em 2001 deveria ter sido o primeiro docente jornalista eleito reitor da USP. Mas o formato indireto e elitista daquela eleição ignorou a esmagadora votação obtida por ele na consulta à comunidade (docentes, funcionários, estudantes), citada por Lídia Neves: 11.796 votos paritários, contra 2.597 do segundo colocado!

Seu principal vínculo como jornalista foi com a *Folha de S.Paulo*. Quando deixou a redação desse diário para trabalhar com José Gomes da Silva no governo estadual (na Secretaria da Agricultura), em 1983, Jair recebeu homenagem dos colegas, que lhe dedicaram afetuosa carta de despedida com nada menos que 49 assinaturas.

Como pesquisador, chamou a atenção para uma impropriedade do debate teórico e político sobre a concentração da mídia no Brasil, ao criticar o uso do termo corrente “monopólio” para designar o modelo de propriedade dos meios de comunicação surgido no país. “Não é monopólio, é oligopólio”, apontou acertadamente. Um resumo do que ele pensava a respeito do *modus operandi* desse oligopólio é o título de sua tese de doutorado: *A notícia e suas versões, no espaço e no tempo dos grupos de pressão (de rabo preso com a classe dominante)*.

Jair, aliás, nunca fugiu de boas brigas. Foi por duas vezes diretor do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (SJSP), presidiu a Associação de Docentes da USP (1997-1999) e chefiou o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA (1999-2001). ●

CONHEÇA OS TIPOS DE MENSALIDADE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SP

PROPORCIONAL

para jornalistas com vínculo empregatício (CLT ou estatutário)

1% DO SALÁRIO com TETOS de
R\$ 52 para o Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 80 para a Capital

FIXA

para jornalistas sem vínculo
R\$ 40 Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 Capital

SOLIDÁRIA

Quantia voluntária com valor suplementar

SINDICALIZE-SE: <https://sjsp.org.br/pagina/sindicalizacao-online>
MAIS INFORMAÇÕES: atendimento@sjsp.org.br ou (11) 94539-9699

COLUNA DO JUCA



por Juca Kfoury

A ESCOLHA DE ZANIN

QUE A PRÓXIMA PESSOA ESCOLHIDA POR LULA PARA O STF SEJA TÃO DEFENSORA DA CIDADANIA COMO ZANIN

Então o presidente Lula escolheu para ser ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) o seu advogado pessoal Cristiano Zanin.

A escolha, em vez de ser vista como prova do quanto o presidente gosta do país, a ponto de abdicar de quem o defendia, apanhou de todos os lados, dos que apoiam Lula, inclusive.

Quando você vê os desprezíveis Ives Gandra Martins, Sergio Moro e Deltan Dallagnol contra, imediatamente adota a posição contrária, e não se fala mais nisso.

Mas quando você vê os respeitáveis Conrado Hübner, Ricardo Kotscho e Chico Alves contra também, se vê obrigado a refletir mais.

Parece inadequado o método de escolha dos ministros da mais alta corte nacional.

Melhor seria por eleição com regras específicas: mais de trinta anos de carreira no mundo da Justiça, doutorado em Direito Constitucional, ficha limpa, notório saber etc.

Seria, mas não é – e desde há muito impera a escolha pelo presidente da República, com a devida confirmação pelo Senado Federal.

Como deve agir quem faz a escolha?

Ouvir quem entende? Quem entende?

Ouvir os amigos? Quem são os amigos?

Apostar em alguém?

Ou indicar jurista que conheça, em quem confie, que saiba ser terrivelmente democrático, embora não necessariamente evangélico, católico, budista ou espírita com a mesma intensidade?

Ora, Cristiano Zanin tem sólida e vitoriosa carreira como advogado, é materialmente independente, revelou-se tão competente que desmontou o maior e mais infame esquema de justiça já visto no Brasil – e viu sua tese ser aceita no STF, a ponto de Moro ser sentenciado como suspeito e Lula ter a pena anulada.

Duvidar de sua competência, portanto, não cabe e, de fato, nem os que odeiam Lula, nem os que gostam dele, duvidam.

A questão se restringe ao problema da impessoalidade, ou do republicanismo, e abriu porta às críticas. Inevitáveis.

Ele só seria poupado pela extrema direita se escolhesse algum rábula do time de Gandra. E apanharia da esquerda.

Melhor apanhar dela ao escolher Zanin, com todo respeito e sem ironia.

Até porque para nós, jornalistas, Zanin será garantia de liberdade de imprensa e de expressão.

Que a próxima pessoa escolhida por Lula para o STF seja tão defensora da cidadania como Zanin. ●

TRAÇO LIVRE | [por @oldnorma](#)

TODA NORMA PODE SER SEGUIDA, OU NÃO, SEJA ELA VELHA, ATUAL, BIZARRA OU QUESTIONÁVEL.

Norma é pseudônimo de um artista de rua, morador de São Paulo que hoje transita pelo Brasil, ressignificando lugares e levantando questionamentos. Em 2020, no início da pandemia, momento em que o mundo todo se perguntou se a realidade em que vivemos faz sentido, novas normas passaram a ser espalhadas. Uma forma simples de mostrar que a cidade e a sociedade são uma estrutura moldável. E a realidade somos nós quem criamos. Aliando humor sarcástico com ativismo, as placas de PVC colocadas em pontos estratégicos funcionam como uma forma de repensar. Repensar velhos hábitos e tentar entender que muitas vezes a relação com quem impõe as regras e governa não condiz com o que é melhor para o povo. Por abordar temas polêmicos, envolvendo empresas do setor privado e o governo, o intervencionista prefere manter o anonimato. Já imaginou como seria o mundo se todos fôssemos prefeitos proprietários das normas que enxergamos nas ruas? Como seria a sua cidade?



@oldnorma

